

# Literatura negra feminina: história de resistência antirracista da autora – Conceição Evaristo

Aparecida Dias Terras Gomes<sup>1</sup> 

<sup>1</sup> Universidade Federal do Sul da Bahia - Brasil

\*Autor de correspondência: [cidaterras@hotmail.com](mailto:cidaterras@hotmail.com)

## RESUMO

A literatura negra feminina é pouco utilizada no contexto escolar da educação básica. Entretanto, ela pode provocar reflexões acerca das desigualdades sociais e do papel da mulher negra na sociedade brasileira. Assim, este artigo objetiva refletir acerca da relevância da literatura de Conceição Evaristo no panorama social e acadêmico, pois seus contos abordam a representação do feminino a partir de mulheres negras e denunciam as hierarquias quanto aos papéis de gênero em uma sociedade marcada pelo patriarcalismo. Portanto, tomaremos como aportes teóricos a Lei 11.645/08 e as reflexões de estudiosos como: bell hooks (2017) com a educação transgressora; Kabengele Munanga (2008) com a problematização do racismo em sala de aula; Miriam Alves (2011) com o rompimento de estereótipos; Djamila Ribeiro (2021) com o lugar de fala para romper com o silenciamento, entre outros. A metodologia é um relato de experiência com roda de conversa sobre o conto "Isaltina Campo Belo", de Conceição Evaristo (2016), inserido no livro *Insubmissas Lágrimas de mulheres*, com a 1ª série do ensino médio em uma escola pública. Logo, a atividade de leitura com literatura negra feminina, no contexto educacional, pode levar o estudante à reflexão de inclusão ou exclusão no panorama literário afro-brasileiro e africano.

## ABSTRACT

Black female literature is little used in the school context of basic education. However, it can provoke reflections on social inequalities and the role of black women in Brazilian society. Thus, this article aims to reflect on the relevance of Conceição Evaristo's literature in the social and academic panorama, as her short stories address the representation of the feminine from black women and denounce hierarchies regarding gender roles in a society marked by patriarchy. Therefore, we will take as theoretical contributions Law 11,645/08 and the reflections of scholars such as: bell hooks (2017) with transgressive education; Kabengele Munanga (2008) with the problematization of racism in the classroom; Miriam Alves (2011) with breaking stereotypes; Djamila Ribeiro (2021) with the place of speech to break with silencing, among others. The methodology is an experience report with a conversation circle about the short story "Isaltina Campo Belo", by Conceição Evaristo (2016), included in the book *Insubmissas Tears of Women*, with the 1st grade of high school in a public school. Therefore, the activity of reading black female literature, in the educational context, can lead the student to reflect on inclusion or exclusion in the Afro-Brazilian and African literary panorama.

## RESUMEN

La literatura femenina negra es poco utilizada en el contexto escolar de la educación básica. Sin embargo, puede provocar reflexiones sobre las desigualdades sociales y el papel de las mujeres negras en la sociedad brasileña. Así, este artículo tiene como objetivo reflexionar sobre la relevancia de la literatura de Conceição Evaristo en el panorama social y académico, ya que sus cuentos abordan la representación de lo femenino de las mujeres negras y denuncian jerarquías respecto de los roles de género en una sociedad marcada por el patriarcado. Por lo tanto, tomaremos como aportes teóricos la Ley 11.645/08 y las reflexiones de académicos como: Bell Hooks (2017) con la educación transgresora; Kabengele Munanga (2008) con la problematización del racismo en el aula; Miriam Alves (2011) con la ruptura de estereotipos; Djamila Ribeiro (2021) con el lugar de la palabra para romper con el silenciamiento, entre otros. La metodología es un relato de experiencia con círculo de conversación sobre el cuento "Isaltina Campo Belo", de Conceição Evaristo (2016), incluido en el libro *Insubmissas Lágrimas de mujeres*, con el 1º grado de secundaria en una escuela pública. Por tanto, la actividad de lectura de literatura femenina negra, en el contexto educativo, puede llevar al estudiante a reflexionar sobre la inclusión o exclusión en el panorama literario afrobrasileño y africano.

## PALAVRAS-CHAVE:

Conceição Evaristo  
Educação Antirracista  
Estereótipos e  
Invisibilidade  
História de Resistência  
Literatura Negra

## KEYWORDS:

Anti-Racist Education  
Black Literature  
Conceição Evaristo  
History of Resistance  
Stereotypes and Invisibility

## PALABRAS-CLAVE:

Concepción Evaristo  
Educación antirracista  
Estereotipos e Invisibilidad  
Historia de la Resistencia  
Literatura Negra

## Introdução

É perceptível que a literatura brasileira ensinada nas escolas de educação básica em geral e, no ensino médio em especial, é de cunho eurocentrado devido ao que se convencionou durante toda a trajetória escolar prevalecer um processo de hierarquização, isto é, de literatura canônica, de autoria branca, a exemplo, a literatura ofertada pelo e no livro didático. A literatura de autoria feminina legitimada, sem exceção, era uma literatura escrita por mulheres brancas como Rachel de Queiroz, Cecília Meirelles, entre outras. Em contrapartida, a literatura de autoria de mulheres negras ficou ignorada, deslegitimada como aconteceu com Maria Firmina dos Reis, primeira mulher negra a escrever um romance em solo brasileiro, segundo Raspanti (2016). Esse descaso com a literatura feita por mãos de mulheres de cor também serve para nos mostrar o quanto o Brasil ainda é um país racista, preconceituoso e machista. Sobretudo no meio em que deveria haver militância contra essas ideologias, a exemplo, a escola.

Até quando a mulher negra brasileira viverá em condição de submissão, silenciada e sem poder de escolha sendo segunda, terceira, quarta opção nos processos de seleção para a inserção de textos no livro didático e em outros materiais pedagógicos? Assim, a legitimidade cultural da mulher preta como sujeito do discurso com representatividade no contexto acadêmico e social precisa ser valorizada.

Dessa forma, trabalhar literaturas de autoria de mulheres negras, como a de Evaristo (2016) - pode trazer reflexão para o sujeito, em função de abordar em suas obras questões de gênero, de classe e de raça, isto é, ela apresenta ao seu leitor uma literatura de engajamento e militância a favor do gênero feminino, a fim de desconstruir pensamentos patriarcais incutidos nos/as alunos/as e na sociedade.

Em vista disso, este artigo pretende discutir o porquê do apagamento da mulher negra escritora como fonte de estudo de literatura na escola. Para tal, serão apresentados: a) a trajetória de vida da autora; b) estereótipos, dissabores e conquistas da mulher negra; c) como transformar a literatura de autoria de mulheres negras como fonte de estudo antirracista; e, por fim, as considerações finais.

Este trabalho pode ser relevante porque segundo Cuti (2010, p. 7) “a literatura é poder, poder de convencimento, de alimentar o imaginário, fonte inspiradora do pensamento e da ação”. Por essa e outras razões, acredita-se que todas as pessoas deveriam ter uma experiência com a literatura, em especial, com a literatura de autoria de mulheres negras, a fim de que docentes e discentes tenham a oportunidade de vivenciar práticas educacionais pluriétnicas, inclusivas, democráticas e de fortalecimento da cultura negra em nosso país que quase sempre foi negligenciada.

## **Metodologia**

Este artigo é de cunho qualitativo, cujo procedimento técnico consiste em relatar uma experiência vivenciada pela professora/pesquisadora e seus alunos, da 1ª série do ensino médio em uma escola pública, nas aulas de literatura voltadas para o ensino das relações étnico-raciais, a partir do estudo do conto “Isaltina Campo Belo”, de Conceição Evaristo (2016), a fim de trazer a baila questões relacionadas a estes quatro pontos: ao conflito identitário, violência sexual, machismo, racismo. Tendo como base teórica a Lei nº 11.645/08 e as reflexões de estudiosos como: bell hooks (2017), Djamila Ribeiro (2021), Munanga (2008), Miriam Alves (2011), entre outros, que pelo viés de reflexões pedagógicas dialogam com as pedagogias engajada, crítica e feminista, o que lhes permitem questionar as parcialidades que reforçam os sistemas de dominação. Podendo a literatura de autoria de mulheres negras ser inserida em sala de aula como fonte de estudo a favor de uma educação baseada no diálogo, na discussão, no debate com vistas a uma educação antirracista e de fortalecimento da identidade negra.

## **Trajetória de vida da escritora negra: Conceição Evaristo**

Maria da Conceição Evaristo de Brito nasceu em 29 de novembro de 1946, em Belo Horizonte, no estado de Minas Gerais. Foi a segunda filha de nove irmãos. Teve a infância e a adolescência marcadas pela miséria, na extinta favela do Pindura Saia, na região centro-sul, da capital mineira. Trabalhou como babá e faxineira enquanto estudava, aspirando à carreira de professora, entretanto quando concluiu o curso normal, não conseguiu emprego em Belo Horizonte. Não havia,

na época, concursos para professores em Minas Gerais: aulas, só para quem fosse indicado. Em função disso, Conceição mudou-se, em 1973, para o Rio de Janeiro, onde se graduou em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e seguiu carreira no magistério, lecionando na rede pública fluminense até aposentar-se no ano de 2006.

Em 1990, fez sua estreia na literatura, quando seis de seus poemas foram incluídos no volume treze da coletânea *Cadernos Negros*, publicação literária periódica que teve início, em 1978, com o intuito de veicular a cultura e a produção escrita afro-brasileira, seja na prosa, seja na poesia.

Evaristo tornou-se um grande expoente da literatura contemporânea, romancista, poeta e contista. Em 2019, foi homenageada como Personalidade Literária do Ano. Em 2015, foi vencedora do Prêmio Jabuti - na categoria Contos e Crônicas. Além disso, ela também é pesquisadora na área de literatura comparada. Suas obras, cuja matéria-prima literária é a vivência das mulheres negras – suas principais protagonistas – são repletas de reflexões acerca das profundas desigualdades raciais brasileiras. Misturando realidade e ficção, seus textos são valorosos retratos do cotidiano, instrumentos de denúncia das opressões raciais e de gênero, mas também se voltam para a recuperação da ancestralidade da negritude brasileira, propositalmente apagada pelos portugueses durante os séculos em que perdurou o tráfico escravista (BRANDINO, 2021).

Convém lembrar, que Evaristo é uma militante e ativista em prol da negritude, em especial da mulher racializada. Mulher, negra, feminista, escritora engajada com a questão de gênero e raça, oriunda de família pobre e, que teve de lutar e resistir até poder conferir suas obras sendo reconhecidas no panorama literário. Inclusive, tendo suas obras traduzidas em diversos idiomas como: francês, inglês, espanhol, entre outros.

As condecorações aos seus trabalhos são muitas. Conceição Evaristo foi tema da Ocupação Itaú Cultural, em 2017. Ganhou o prêmio Jabuti de Literatura de 2015, na categoria Contos e Crônicas, por *Olhos D'Água*. Soma-se a isso, também, os prêmios Faz a Diferença - Categoria Prosa, de 2017; Prêmio Cláudia - Categoria Cultura, de 2017; e o prêmio de Literatura do Governo do Estado de Minas Gerais, de 2017. Ainda em 2017, ganhou o prêmio Bravo (revista) conforme descrito na

Revista Periferias. Toda essa premiação serve para reforçar a relevância que a literatura negra vem conquistando, sobretudo a da autora supracitada que de uns dez anos para frente vem conferindo seus textos sendo inseridos nos livros didáticos reverberando, assim, legitimidade.

### **Estereótipos, dissabores e conquistas da mulher negra**

A presença de personagens negros e negras na literatura, quando há, dá-se, na maioria das vezes, em papéis secundários de coadjuvantes, bandido, erótico ou de vilões, observa-se que representantes negros e negras no protagonismo não são muito encontrados e, quando são, estão quase sempre presos a ambientes predeterminados. A representação do negro e da negra na literatura brasileira atíça estereótipos nas obras de autoria brancocêntrica, o que traz um desserviço a essa parcela da sociedade, que por muito tempo, foi e, muitas vezes, é tratada com desprezo.

As mulheres eram vistas, no “Passado Histórico”, conforme afirma Sônia Fátima no seu poema em que tematiza a presença da mulher como figura erótica - “Do açoite/ da mulata erótica/ da mulher negra boa de eito/ e de cama/ (nenhum registro)” (FÁTIMA, 1998, p. 118). Nesse poema, a voz enunciativa questiona o apagamento da história dos afrodescendentes por meio da figura feminina negra. A imagem da mulher preta brasileira estereotipada – de mulher erótica, boa de eito e de cama. Negando assim, a história de luta e de resistência dessas mulheres. Como afirma Munanga (2008) todo/a professor/professora precisa aproveitar situações de racismo e preconceito cotidianos para problematizar esses embates em sala de aula. Além disso, realizar esse ofício é cumprir com a Lei nº 11.645/08 em que altera a Lei nº 9.394/96, modificada pela Lei nº 10.639/03, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena (BRASIL, 2008). Infelizmente, esse cumprimento da lei ainda não é uma realidade em nosso país.

Ademais, o negro e a negra aparecem na literatura brasileira muito mais como tema do que como voz autoral. Em vista disso, a maioria das produções

literárias brasileiras retrata personagens negros/negras a partir de pontos de vista que evidenciam estereótipos da estética branca dominante, eurocêntrica.

Entre os diversos fatores que contribuíram para essa desigualdade racial, embasada na lógica da colonização, que sequestrou milhões de africanos para condená-los à escravidão em terras brasileiras, a literatura aparece como veiculadora de preconceitos, seja naturalizando estereótipos negativos vinculados ao negro e a negra, seja pela ausência de personagens negros e negras como um todo. É o caso, por exemplo, da ausência de uma imortal negra na Academia Brasileira de Letras (ABL).

Em 2018, a escritora Conceição Evaristo, mestra em Literatura Brasileira pela Pontifícia Universidade Católica (PUC), do Rio de Janeiro, Doutora em Literatura Comparada na Universidade Federal Fluminense (UFF) candidatou-se a uma cadeira na ABL. Na ocasião, aclamou-se a possível entrada da primeira mulher negra na academia. Entretanto, isso não aconteceu. Até quando o racismo perdurará na sociedade? É preciso questionar o porquê da rejeição a essa escritora premiada e consagrada pela crítica e pelo público. Será desigualdade racial? A resposta foi tão absurda, que provavelmente a fez desistir de um próximo pleito, pois os colegas imortais alegaram a ausência de campanha da autora supracitada. Em contrapartida, em 2021, a atriz e mulher branca, Fernanda Montenegro, foi eleita para ocupar uma cadeira na ABL mesmo sem precisar fazer campanha, pelo contrário, os outros candidatos desistiram para que a vaga fosse dela, conforme afirma (ARAÚJO, 2021).

Segundo Alves (2011, p. 183), "Ser mulher escritora no Brasil é também dispensar a mediação da fala do desejo delegada e exercida em última instância pelo homem investido do poder falocrático". Conforme mencionado por Alves, a escrita feminina produzida por escritoras negras vem para quebrar com a estereotipagem com que o negro, em especial a mulher negra, era descrita nas páginas dos livros escritos por homens brancos.

A escritora Luiza Lobo (1989) afirma que a existência da literatura negra se dá a partir do momento que o negro deixa de ser objeto para uma literatura alheia e passa a criar a sua própria, assumindo o papel de autor/protagonista.

Em função disso, Evaristo soube ser protagonista de sua própria literatura resistindo às negativas que lhe foram impostas e rompendo com o lugar destinado

aos escritores negros, sobretudo às escritoras negras. Quando afirmou em uma entrevista, que: “A mulher negra, ela pode cantar, ela pode dançar, ela pode cozinhar, ela pode se prostituir, mas escrever, não, escrever é uma coisa... é um exercício que a elite julga que só ela tem esse direito” (2010, s/p.). De acordo com a autora, a elite julga, mas quem é a elite para julgar. Pois, o ato de escrever não pode ficar restrito à elite “o exercício da escrita, é um direito que todo mundo tem. Como o exercício da leitura, como o exercício do prazer, como ter uma casa, como ter a comida (...). A literatura feita pelas pessoas do povo, ela rompe com o lugar pré-determinado” (Evaristo, 2010, s/p.). A literatura sempre assumiu esse lugar de poder e também de resistência, e, as mulheres negras são dominadoras da virtude de se ter resiliência.

Assim, percebe-se, que Evaristo abre um leque de possibilidades para suas personagens negras, colocando em pauta a interseccionalidade entre raça, gênero e classe vivenciadas por suas protagonistas pretas e pobres presentes no livro *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2016) em que as treze protagonistas relatam suas vivências e experiências nesse espaço majoritariamente demarcado pela exclusão e silenciamento. Dessa forma, a referida autora se inscreve como escritora que ilustra as experiências de mulheres negras, por meio do realismo e da mistura de realidade/ficção vivenciadas pelas suas personagens. Sua voz destaca-se por ser a voz de uma mulher negra de classe desprestigiada e que fala de si e acessa o mundo de outras mulheres em condições semelhantes às suas. Os seus textos geralmente problematizam as contradições de uma sociedade que vivencia ainda algumas ideologias do período colonial, a saber: machismo, racismo, violência, estupro, entre outras, contudo busca, incansavelmente, uma forma de também despir-se dessa clausura ideológica.

Ainda nessa direção, Evaristo (2009) aborda o corpo e a sexualidade da mulher negra na sociedade brasileira. A imagem de mãe foi negada à mulher negra na literatura brasileira, isso pode significar o apagamento do papel da mulher negra na formação cultural nacional. Evaristo exemplo de mulher que não se conforma com a condição de que o negro e a negra aparecem na literatura brasileira muito mais como tema do que como voz autoral. Contrapondo a isso, a autora não aceita essa posição a ela imposta e resiste a tal situação, mostrando, portanto como é ser mulher negra, feminista, militante e protagonista de sua

própria história, proporcionando a seus leitores a conferência por meio de suas obras que trazem como protagonistas - mulheres empoderadas, não só na literatura, mas também em todas as outras esferas culturais como se verifica, no atual governo, a ocupação de mulheres racializadas na liderança de alguns ministérios, a exemplo, de Margareth Menezes<sup>1</sup> (Cultura), de Anielle Franco (Igualdade Racial) e de Sônia Guajajara<sup>2</sup> (Povos Indígenas) marcando assim, a representatividade dos povos negros, indígenas, entre outros.

É salutar lembrar que essa escritora está desconstruindo estereótipos e preconceitos com a celebração de suas obras premiadas como foi mencionado na seção anterior. Na literatura afro-brasileira, a mulher negra é desprendida da objetivação imposta pelas relações raciais e de gênero do imaginário europeu arraigado na sociedade brasileira desde o período colonial, pois deixa de ser o outro para ser ela mesma, em sua completude como sujeito social. Nesse sentido, a literatura afro-brasileira de autoria feminina vem assumindo o “lugar de fala” (RIBEIRO, 2021), com autoridade e protagonismo vem marcando seu espaço nas pesquisas acadêmicas e na produção literária brasileira.

Silva (2017) afirma que a literatura de autoria de mulheres negras se constitui por temas femininos e de feminismo negro e que geralmente é comprometida com estratégias políticas civilizatórias e de alteridade. Em vista disso, é que venho desenvolvendo algumas ações com meus alunos em sala de aula, a exemplo, de rodas de leitura, tertúlias literárias com o objetivo de gerar discussão e debate acerca de temas voltados para as relações étnico-raciais. Faço uso dessas metodologias de leitura geralmente com textos de autoras femininas negras. Evaristo é a campeã em minhas pesquisas, pois seus contos geram uma discussão enriquecedora para a problematização de abordagens ligadas ao cotidiano dos

---

<sup>1</sup> Margareth Menezes comandará a Cultura; Anielle fica com Igualdade Racial. <https://www.opovo.com.br/noticias/politica/2022/12/22/margareth-menezes-comandara-a-cultura-anielle-fica-com-igualdade-racial.html> Todos os direitos são reservados ao Portal O POVO, conforme a Lei nº 9.610/98. A publicação, redistribuição, transmissão e reescrita sem autorização prévia são proibidas. Acesso em: 20 jun 2023.

<sup>2</sup> À frente da pasta dos Povos Indígenas, Guajajara entra para história ao se tornar a primeira indígena a chefiar um ministério. Evento lotado contou com a presença do presidente de Lula. Por Pedro Henrique Gomes, Vinícius Cassela, Kellen Barreto, Letícia Carvalho e Elisa Clavery, g1 e TV Globo — Brasília. <https://g1.globo.com/politica/noticia/2023/01/11/com-presenca-de-lula-sonia-guajajara-assume-ministerio-dos-povos-indigenas-em-cerimonia-no-planalto.ghtml>. Acesso em: 20 jun 2023.



estudantes, tais como: conflito identitário, estupro/relacionamento tóxico, machismo, racismo, entre outros.

Hodiernamente, as mulheres negras têm desconstruído os estereótipos negativos, - com muita luta - superando dissabores e preconceitos, mostrando que a mulher negra pensa, - suas obras, embora não sejam consideradas como “clássicas”, porém como contemporâneas, podem sim, servir de objeto de estudo para provocar debates e reflexões antirracistas - conforme verificaremos na próxima seção.

### **Como trabalhar a literatura de mulher negra como fonte de estudo antirracista?**

Discutir a condição antirracista é estimular uma educação inclusiva, pluriétnica, democrática, isto é, fomentar os direitos humanos. Em função disso, como a literatura de autoria de mulheres negras pode ser fonte de estudo antirracista?

Há diversas maneiras de se trabalhar com a literatura com vistas a contribuir com uma educação antirracista. Para hooks (2017) o profissional da educação precisa ser “transgressor”, a fim de transformar pais e alunos em pessoas promotoras de mudança e, conseqüentemente, transformadoras. Entendendo a escola como um processo formativo e não apenas informativo. Assim, proporcionar uma educação significativa é de suma importância para sociedade, pois ela possibilita a desconstrução de atitudes, conceitos, práticas e ideias racistas introjetadas em cidadãos e cidadãs insensíveis. Por isso, a família, a escola, os professores, o Estado e a sociedade precisam ter participação efetiva e ações planejadas, a fim de colaborar com a superação de ideologias racistas e preconceituosas.

Na produção poética de Evaristo acentua-se um eu lírico negro feminino que dá voz a uma corporeidade ancestral, a fim de conquistar o lugar de fala e a emancipação identitária da mulher negra silenciada por preconceitos e estereótipos que marcaram e ainda marcam historicamente essas mulheres na sociedade brasileira. Em contrapartida, a autora com sua escrita marcada pelo realismo e pela sensibilidade busca romper com séculos de ausência e de silenciamento em função de um passado de escravidão. E, dessa forma, apresenta

suas obras como fonte de estudo que dialoga com os movimentos de valorização da cultura negra.

A título de aprofundamento de estudo – tomar-me-ei como exemplo, a estratégia pedagógica, roda de leitura acerca do conto Isaltina Campo Belo, de Conceição Evaristo presente no livro *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2016) - lido e discutido com pausa para os comentários dos estudantes. Dentre todo o texto, quatro pontos que quase nunca passam despercebidos por eles na hora de tecer comentário são: conflito identitário, estupro coletivo, machismo e racismo. Vale salientar que esse conto oportuniza a juventude a debater assuntos atinentes ao cotidiano deles/delas a respeito do fortalecimento da cultura e identidade negras.

Conflito identitário:

Tive uma infância feliz, só uma dúvida me perseguia. Eu me sentia menino e me angustiava com o fato de ninguém perceber. Tinham me dado um nome errado, me tratavam de modo errado, me vestiam de maneira errada... Estavam todos enganados. Eu era um menino (BELO, 2016, p. 57-58).

Neste trecho, percebemos as confusões que uma pessoa considerada fora do “padrão” sofre na descoberta de sua orientação sexual – por ser “diferente” do convencional e, conseqüentemente, temer o julgamento da sociedade. Esse conflito existencial mexe com sua formação identitária e, muitas vezes pode gerar conflitos no relacionamento familiar, a depender dos pais, em função da ausência de diálogo relacionado ao assunto – algo que não deveria acontecer/ser, mas ainda se configura como um tabu, sobretudo nas famílias tradicionais.

Amarrava os meus desejos por outras meninas e fugia dos meninos. Em toda a minha adolescência, vivi um processo de fuga. Recusava namorados, inventava explicações sobre o meu desinteresse sobre os meninos e imaginava doces meninas sempre ao meu lado. Até que, um dia, dolorosamente tudo mudou (BELO, 2016, p. 62).

No fragmento acima mencionado, percebemos o quanto esse conflito gera dissabores para os jovens e as jovens que se encontram nesta situação. Viver em constante fuga de sua identidade por temer o julgamento da sociedade e da família é algo corriqueiro no cotidiano dos/as estudantes jovens. Outro ponto a ser discutido é o

Estupro coletivo/relacionamento tóxico:

Esse meu pretenso namorado, ou melhor, esse pretensioso namorado continuou me cercando. Não mostrava nenhum desapontamento com a minha recusa (...) Continuamos e nos tornamos amigos, pensava eu. Um dia, ele me convidou para a festa de seu aniversário. (...) Fui. Nunca poderia imaginar o que me esperava. Ele e mais cinco homens (...) deflorando a inexperiência e a solidão de meu corpo. Diziam, entre eles, que estavam me ensinando a ser mulher (BELO, 2016, p. 64).

O que para a personagem, Campo Belo, era considerado um amigo alguém que ela pudesse confiar, inclusive, confidenciar este segredo, o de que não sentia atração por homens, tornou-se um problema para ela e acabou culminando nessa tragédia, o estupro coletivo – talvez causado em função da recusa dela em relação a ele. Notamos também o quanto as pessoas dissimuladas tendem a nos enganar com muita facilidade e, em contrapartida nos ensina a não confiar totalmente nas pessoas, pois essa confiança pode nos levar a vivenciar traumas que marcam e, muitas vezes, marcar-se-ão toda a nossa vida.

E, por fim, analisaremos outros dois pontos importantes para o debate e foco do nosso trabalho que são:

Machismo/Racismo: “Se eu ficasse com ele, (...) Ele iria me ensinar, me despertar, me fazer mulher. E afirmava, com veemência, que tinha certeza de meu fogo, pois afinal, eu era uma mulher negra, uma mulher negra...” (BELO, 2016, p. 64). Diante desse cenário, percebemos o quanto o pensamento machista ainda ocupa a mente de pessoas preconceituosas, sobretudo - de homens. Soma-se a isso o racismo que faz com que a mulher racializada seja vista apenas como um objeto sexual, aquela que serve apenas para satisfazer os desejos sexuais de homens. Além disso, voltemos ao poema, de Fátima, mencionado na seção anterior desse artigo, em que seus versos finais trazem o seguinte: “Do açoitado/ da mulata erótica/ da mulher negra boa de oito/ e de cama/ (nenhum registro)” (FÁTIMA, 1998, p. 118). Enfim, precisamos problematizar essas questões dentro e fora de sala de aula, a fim de valorizar e fortalecer a cultura e a identidade negras.

Hooks (2017, p. 273) afirma que “a sala de aula, com todas as suas limitações, continua sendo um ambiente de possibilidades”. Nesse sentido, a autora incentiva os/as professores/as – afinal quem poderia criar essas possibilidades. Na seção anterior foram sugeridas algumas estratégias de leitura que podem/poderão

despertar o alunado a refletir e questionar ideologias arraigadas em nossa sociedade. A escritora confirma ainda que

Nesse campo de possibilidades, temos a oportunidade de trabalhar pela liberdade, de exigir de nós e dos nossos camaradas uma abertura da mente e do coração que nos permita encarar a realidade ao mesmo tempo em que, coletivamente, imaginamos esquemas para cruzar fronteiras, para transgredir. Isso é a educação como prática da liberdade (hooks, 2017, p. 273).

Em vista disso, verificam-se várias possibilidades de se trabalhar com a literatura, a fim de favorecer a desconstrução preconceituosa, racista e intolerante do aluno, do/a professor/a e também de toda a sociedade, tais como: promover tertúlia literária com textos de autoras negras e que tratem das questões de gênero, classe e raça. Outras possibilidades são a realização em sala de aula e também fora dela de: roda de conversa, debate, sala de aula invertida, painel integrado, produção de *slam*, entre outros, com o objetivo de conhecer várias opiniões acerca de assuntos atinentes à situação de opressão, de discurso de ódio, de xenofobia, enfim, de toda forma de preconceito.

Esse trabalho não pode ser realizado de qualquer jeito – precisa ser intencional e bem planejado para focar naquilo que realmente merece destaque. A fim de valorizar a negritude, povos originários e todos os povos marginalizados. Bem como tomar conhecimento da luta da negritude no processo de construção de políticas públicas de reparação, como as ações afirmativas, mais conhecidas como políticas de cotas, a fim de promover uma reparação histórica. Discutir com os estudantes que essas políticas são frutos do engajamento de povos que sempre foram injustiçados como os já mencionados. Infelizmente, muitos ainda afirmam erroneamente, que a lei de cotas é um privilégio.

Todorov afirma que, “a literatura pode muito. Ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar mais próximos dos seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver”. Segundo o autor, a literatura é “[...] antes de tudo, uma técnica de cuidados para com a alma; porém, revelação do mundo, ela pode também, em seu percurso, nos transformar a cada um de nós a partir de dentro” (TODOROV, 1996, p. 76).

A literatura tem poder transformador, pois proporciona ao professor e a professora de literatura e de qualquer outro componente curricular a realização de ações, como as sugeridas aqui, com vistas a transformar os estudantes em protagonistas de seu conhecimento de forma simplista e participativa.

Por meio da literatura marcada pela militância social, de gênero e étnica, Conceição Evaristo e outras escritoras negras, algumas mencionadas aqui, sacodem o discurso dominante que insiste em apresentar uma visão de mundo baseada no mito da história única conforme Chimamanda Ngozi Adichie (2019). A escrita de Evaristo descortina as estruturas de poder veladas sob a ideia do mito da democracia racial e implode barreiras, extravasando vozes marginalizadas pelos códigos de vigência: "A nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para 'ninar os da casa grande' e sim para incomodá-los em seus sonos injustos" (EVARISTO, 2007, p. 21).

O discurso de Evaristo abala as estruturas da "casa da grande" e, é preciso que isso aconteça para que o dominante sinta que ele não domina sozinho mais, mesmo sendo a maioria. Pois, a mulher negra tem conquistado esse lugar de poder e também de domínio, mesmo que em menor escala.

A par disso, Roland Walter, em seu artigo *Entre gritos, silêncios e visões*, assinala a necessidade de uma literatura produzida no sentido de contradizer o mito da democracia racial:

O ato de revisar e retificar a história narrada pelos outros, ato este que implica a recriação da episteme cultural afro-brasileira com base na própria mitopoética, se faz necessário por causa do falso mito de uma mestiçagem "democrática" que trouxe "benefícios" para "todos" e em nome do qual fatos e eventos históricos foram e continuam sendo distorcidos e/ou esquecidos (WALTER, 2012, p. 152).

Desse modo, a escrita é compreendida como espaço de rasura diante do apagamento/silenciamento imputado às minorias, assim como de articulação entre o sensível e o inteligível enquanto possibilidade de resignificação da opressão, oportunizando a emergência de novas possibilidades de compreensão do mundo:

Escrever pode ser uma espécie de vingança, às vezes fico pensando sobre isso. Não sei se vingança, talvez desafio, um modo de ferir o silêncio imposto, ou ainda, executar um gesto de teimosa esperança. Gosto de dizer ainda que a escrita é para mim o movimento de dança-canto que o meu corpo

não executa, é a senha pela qual eu acesso o mundo (EVARISTO, 2005, p. 202).

A escassez de publicações e difusão da literatura produzida por autores e autoras negras pode ser percebida como sintoma da violência epistêmica promovida através da constituição de um cânone etnocêntrico. Segundo Boaventura de Sousa Santos, que, em grande parte, o estabelecimento do cânone foi “um processo de marginalização, supressão e subversão de epistemologias, tradições culturais e opções sociais e políticas alternativas em relação às que foram nele incluídas” (2002, p. 18), soma-se a isso, à necessidade de apurar a criticidade em direção ao que foi silenciado e excluído pela ordem vigente estruturada sob a égide do sistema mundial colonial/moderno:

Escavar no lixo cultural produzido pelo cânone da modernidade ocidental para descobrir as tradições e alternativas que dele foram expulsas; escavar no colonialismo e no neocolonialismo para descobrir nos escombros das relações dominantes entre a cultura ocidental e outras culturas outras possíveis relações mais recíprocas e igualitárias (SANTOS, 2002, p. 18).

Em função de tudo isso, percebe-se que a vida para essa autora negra não foi fácil, contudo conseguiu mudar a história que o colonizador escreveu para ela. Isso demonstra a importância da leitura e da escrita na vida de todo ser humano. Assim, a educação pode ser a responsável por toda essa transformação.

### **Considerações finais**

Ao longo do texto foi possível perceber que Evaristo quebra as lentes impostas por quem fala de um gênero ou de uma etnia sem vivência ou conhecimento de causa e oferece poder de fala a mulher negra silenciada há gerações pelo poder patriarcal e pelo preconceito racial para que ela mesma conte sua própria história e sentimentos por meio de sua escrevivência.

Pode-se dizer que o estilo literário de Evaristo é construído de uma linguagem poética marcada pela sua etnicidade. Neste contexto, fica claro que ela escreve contra a hegemonia do cânone literário branco e do falocentrismo no Brasil. Percebe-se na escrita dela, a importância dada à voz, aos sentimentos e a experiência tanto coletiva quanto individual, de um povo que foi e muitas vezes ainda é ignorado. Daí a perspectiva de escrevivência colocada pela própria autora para dar uma característica particular a sua forma de escrever.

Ler e trabalhar, intencionalmente, com os textos de autoria de mulheres negras é proporcionar ao estudante se deparar com uma literatura que transborda os limites ocidentais enrijecidos e traz para a arena da interpretação o verdadeiro papel social da mulher. Evaristo coloca em xeque “verdades absolutas” que não passam de uma relação social de poder, cujo objetivo principal é a hierarquização de elementos e indivíduos em superior e inferior com o objetivo principal de dominação. Preparar o estudante para essas artimanhas da classe considerada “superior” é uma tarefa salutar para e no combate ao racismo.

Vale ressaltar que ao trabalhar com as estratégias pedagógicas sugeridas neste relato, dentro e fora de sala de aula, com o intuito de não negligenciar a Lei nº 11.645/08 é salutar para a reflexão acerca de assuntos do nosso cotidiano. Além disso, mostrar que o professor ao exercer seu ofício de forma intencional ele consegue sinalizar alguns “pensamentos ultrapassados” mesmo que em pessoas jovens e, conseqüentemente, intervir por meio de ações que consigam alcançar essas mentes fechadas facilitando o processo de mudança.

Ademais, o que se pretendeu com este trabalho foi fomentar a reflexão dialógica sobre as diferentes estratégias de leitura pelas quais se vislumbram alternativas de intervenção, a fim de mitigar tanto a falta de proficiência em relação à competência leitora, quanto trabalhar com literatura de autoria de mulheres negras, com vistas a proporcionar ao estudante o domínio da leitura e, conseqüentemente, desconstruir pensamentos racistas e preconceituosos. Pois, esta desconstrução é essencial para promoção de uma educação antirracista e libertadora.

## Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo da história única**. Tradução Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ALVES, Miriam. **A literatura negra feminina no Brasil – pensando a existência**. ABPN, v. 1, p. 181-189., nov/fev. 2010 / 2011.

ARAÚJO, Mateus. **O que é imortal: com silêncio e mistério, começa campanha para vagas na ABL**. <https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2021/09/12/rito-de-imortal-com-silencio-e-misterio-comeca-campanha-para-vagas-na-abl.htm>.

BRANDINO, Luiza. "Conceição Evaristo"; **Brasil Escola**. <https://brasilecola.uol.com.br/literatura/conceicao-evaristo.htm./2021/20/11>.

BRASIL. Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “**História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena**”. [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm).

CUTI, Luiz Silva. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

DORALI, Ivana. **Revista Periferias**. [revistaperiferias.org/materia/conceicao-evaristo-imortalidade-alem-de-um-titulo/](http://revistaperiferias.org/materia/conceicao-evaristo-imortalidade-alem-de-um-titulo/).

EVARISTO, Conceição. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: MOREIRA, Nadilza; SCHNEIDER, Liane (Orgs.). **Mulheres no mundo: etnia, marginalidade, diáspora**. João Pessoa: Ideia: Editora Universitária - UFPB, 2005, p. 201-212.

EVARISTO, Conceição. Da grafia desenho de minha mãe: um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (Org.). **Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007. p. 16-21.

EVARISTO, Conceição. Dos sorrisos, dos silêncios e das falas. In: SCHNEIDER, Liane; MACHADO, Charliton (Orgs.). **Mulheres no Brasil: Resistência, lutas e conquistas**. João Pessoa: Editora Universitária -UFPB, 2009.

EVARISTO, Conceição. **Literatura e consciência negra**. Entrevista concedida com Blog Blogueiras Feministas, em 30 de set. de 2010. <http://blogueirasfeministas.com/2011/11/conceicao-evaristo/>.

EVARISTO, Conceição. Isaltina Campo Belo. In: \_\_\_\_\_. **Insubmissas lágrimas de mulheres**. 2. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2016. p. 55-67.

FÁTIMA, Sônia. In: Quilombhoje (Org.). **Cadernos negros: os melhores poemas**. São Paulo: Quilombhoje, 1998. p. 118.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

LOBO, Luiza. A pioneira maranhense Maria Firmina dos Reis. In: **Estudos Afro-asiáticos**. Rio de Janeiro, nº 16 - 1989.

MUNANGA, Kabengele (Org.). **Superando o Racismo na Escola**. 2. ed. revisada. Brasília: MEC, 2008.

RASPANTI, Márcia Pinna. **A primeira mulher negra a escrever um romance no Brasil**. <https://www.geledes.org.br/primeira-mulher-negra-escrever-um-romance-no-brasil/24/11/2016>.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo: Sueli Carneiro. Editora Jandaíra, 2021.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SILVA, Assunção de Maria Souza e. A fortuna de Conceição. In: EVARISTO,



Conceição. **Histórias de leves enganos e parecenças**. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

WALTER, Roland. Entre gritos, silêncios e visões: pós-colonialismo, ecologia e literatura brasileira. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**. São Paulo, n. 21, 2012, p. 137- 168.

TODOROV, Tzevan. **A literatura em Perigo**. Tradução de Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 1996.